

de SOL a SOL

Elenco de COLABORADORES: Abel Salazar, Adolfo Casais Monteiro, Alberto Serpa, Alexandre Jorge Gonçalves, Alves Costa, António Sergio, Artur Augusto, Artur Justino, Cardoso Júnior, Carlos de Sousa Estrada, Castelo Branco Chaves, Cruz Malpique, Eduardo Braga, Eduardo Scarlatti, Eurico Tomaz de Lima, Ferreira de Castro, Frederico Alves, Hernâni Cidade, Jaime Brasil, Jaime Cirne, João Alberto, João de Barros, José Régio, Julião Quintinha, Luís de Sanjusto, Lygia, Mando Martins, Manuel Inácio Faria, Maria Aurea, Maria Emília, Mário Dionísio, Marques Matias, Miguel Torga, Nuno Simões, Sant'Ana Dionísio, Sérgio Augusto Vieira, Vasco da Gama Fernandes, Vinha dos Santos, etc., etc.

Testamento dum político

Baldwin, figura notável da política inglesa de há dezenas de anos, acaba de encerrar a sua carreira, com um discurso que os jornais portugueses transcreveram em parte e que constitui um documento, de recorte moral clássico e duma oportunidade e flagrância únicas. É uma invocação aos novos, feita na lisura dos velhos tempos helénicos, onde se ensina algo que é tradicional no império inglês e onde se apontam obras a realizar, tarefas imperiosas a cumprir por aquêles que substituirão os vencidos pela idade. O velho estadista que deu às suas palavras um tom de testamento político, referiu-se aos ideais de paz que é necessário orientem os homens e exaltou, na mesma disciplina e maneira de dizer (longos anos de diplomacia lhe haveriam de modelar as formas de expressão), a personalidade humana dentro dos seus conceitos cristãos. Não podemos falar das atitudes dêste homem que a política evidenciou, mas achamos que terminou bem quando disse: «O facho que vos vou entregar e vos peço para transmitir em todos os caminhos do império é uma grande verdade cristã:—Tratai os homens como fins e nunca como meios e trabalhem pela fraternidade humana».

O que se diz e o que se faz

Há pessoas—tantas que se nos fosse dado contá-las não sabemos quando findariam—que ao reconhecerem o fracasso dos seus projectos se quedam varadas de assombro, como se «aquilo» não pudesse ser. Então acusam a sorte adversa, maçam os conhecidos com lamentações, acabando por deixar cair os braços numa grande lassidão de derrotados.

Entretanto elas não haviam feito nada para que as coisas se passassem de outra forma. Tinham falado, debatido ideias, erguido castelos lá em cima, em nuvens cor de oiro, é certo. Mas mais nada. Ora isto é pouco. Criar ideais em silenciosos e largos cismares, demarcar destinos ao ritmo da razão ou do sentimento, é bom e é necessário, ninguém o nega. Porém, localizado o alvo, não procurar alcançá-lo à custa de todos os esforços e de tôdas as lutas, é covardia pura. Segue-se que a maioria dos falhados são vítimas da sua própria inércia—tão lamentavelmente esquecidos—pobres dêles—de que acima do que dizem, os homens valem pelo que fazem.

Sementeira necessária

Há dias deparamos com um magote de pequenos proletários—cuja idade não devia exceder os 15 anos—aglomerados ante o escaparate de um livreiro, de olhos mais esgazeados e mais ávidos que olhos de batoteiros confiados nos favores da fortuna. Aproximamo-nos para lhe auscultar as ambições. Deslumbrados pelas garbadas capas dos livros brasileiros, os pequenotes confiavam uns aos outros a sua máguia, o seu pezar de não poderem lê-los.

Quando aparecerá um louco, capaz de arremessar livros às multidões ávidas de conhecimentos, com a antecipada certeza de ver frutificar essa máguica sementeira em messes de benções?

Isto ainda é inocência...

Passaram na rua, rufando o tambor. tambor de panela velha, marciais, solenes, graves, numa imponência de quem desafia o mundo. Eram cinco crianças—tantas contámos—com seu bivaque de campanha, feito de papelão amarelado, uma comandando em vozita suave a fingir de enérgica, outra à frente com a panela-tambor ritmando a marcha e as três restantes com varapau ao ombro, como se fôsse moderna espingarda. Marchavam convictos, cheios duma quasi terrível cegueira, êsses infantões que, na inocência dos seus jogos, reflectem a loucura dos homens. A mãe de um de nós disse-nos um dia, num saber feito de experiência: «maus tempos aquêles em que as crianças brincam às batalhas!» E nós, ao ver o espectáculo inocente, mas expressivo, duma marcha guerreira que a puerícia infantil imitou dos homens, não podemos esquecer essa verdade simples e comestível. Iam, no seu encanto infantil que não se resumava, mesmo com a sombra da marcialidade, como se pudessem aniquilar o mundo e como se fôsse tronitante o ruído da sua panela. Esta inocência que transparece sempre, mesmo nas atitudes mais malvadas! De calções rasgados e camisitas sujas, as ternas crianças reflectiam a cegueira impiedosa dos seus maiores...

SOL
nascente

Quinzenário cultural
de literatura e crítica

a 1 e 15 de cada mês

Pôrto, 15 de Junho de 1937—Ano primeiro—Número dez

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ASSINATURAS
(PAGAMENTO ADIANTADO)
Série de 5 números, 5 ESCUDOS

